

coimbra



↘ **A Academia Artística e Cultural Salatina** organiza este domingo, pelas 15H00, um espetáculo no átrio principal dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC-CHUC). O concerto integra-se nas atividades do Projeto H2, Humanizar o Hospital, do qual a Salatina é embaixador, e o objetivo é “contribuir, com agradáveis momentos musicais, para a humanização daqueles espaços” de saúde.

DB-Carlos Jorge Monteiro



A arte como forma

A arte como expressão da experiência esteve no centro desta sessão

de tirar o cancro para fora do corpo

O IPO de Coimbra recebeu ontem uma mesa redonda no âmbito do evento “A Arte na Luta Contra o Cancro”, a propósito dos 25 anos da morte de Miguel Torga. A iniciativa é da Câmara Municipal de Coimbra

●●● No que toca à experiência da luta contra um cancro, a arte pode ser uma forma de tirar a doença para fora do corpo e de refleti-la nos corpos dos outros, ao espoletar reações e emoções.

Quem o diz é a antropóloga e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra Susana de Noronha, que foi um dos participantes na mesa redonda que se realizou ontem no auditório do IPO de Coimbra, a propósito do tema “A Arte na Luta Contra o Cancro”.

O sublinhado é das mulheres sobre as quais desenvolveu o seu trabalho ao longo de 14 anos, na investigação sobre o cancro e a arte.

Um dos exemplos é a recolha de trabalhos de artistas com cancro sobre a sua própria experiência,

registada frequentemente em fotografia, meio que “mostra o que fica dentro de casa e dentro do espaço do hospital”, o que não se vê debaixo das roupas e das próteses.

Trata-se de uma arte que tem também uma agenda ambiental, social e política que quer agir para mudar o que podem ser as causas da doença.

Objetos que definem

Noutro trabalho surgem em destaque os objetos, desde a cadeira da sala de espera aos aparelhos médicos, materialidades que intervêm na perceção que surge do que é a experiência do cancro.

Destaque ainda para a diversidade de histórias e de representações gráficas que resultaram de um outro trabalho de recolha da autora, desta vez, das

narrativas de “resistentes” ao cancro e de pessoas próximas. Susana de Noronha destaca que estas histórias podem ser de um processo de crescimento ou de destruição, independentemente da dimensão efetivamente clínica da doença que atravessam. A autora fez para este livro ilustrações com base nas metáforas e palavras das pessoas entrevistadas no que toca àquilo que atravessaram.

Exposição com doentes

A médica especialista em oncologia Helena Gervásio trouxe ao painel um exemplo próximo. Desafiou os doentes e os profissionais do seu serviço no IPO a criar peças de arte em que transmitiam o que era a doença e como a ultrapassaram. Surgiu uma exposição com escultura, pintura, artesanato e até magia, que

acabou por ficar registada num livro que contou com uma nota introdutória de António Arnaut, quando este era paciente do hospital. O livro incluiu um pequeno texto dos artistas a descrever o seu trabalho.

“A arte tem algum paralelismo com a doença”, diz ainda, já que “nunca tem um significado constante”.

A abrir, o psiquiatra do CHUC João Redondo destacou a importância de escutar sem impor o bombardear a pessoa que quer falar com conselhos ou soluções, mas apenas escutar para compreender.

A iniciativa promovida pela Câmara Municipal de Coimbra insere-se nos 25 anos da morte de Miguel Torga. Antecedendo ainda a mesa redonda uma declamação de poemas a cargo da companhia Bonifrates.

| **Maria Inês Morgado**